

A armada de socorro e a Batalha Naval de 1640*

Carlos Roberto Carvalho Daróz**

RESUMO

O Nordeste brasileiro estava sob ocupação holandesa. Entre 1631 e 1640 foram enviadas três esquadras luso-espanholas ao Brasil. A terceira delas, comandada por D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, chegou ao Brasil em 1639. Os holandeses também enviaram Forças Navais, com reforços e tropas, para proteger suas conquistas no Brasil. Como resultado, ocorreram diversos combates navais de vulto, com destaque para a Batalha Naval de 1640.

PALAVRAS-CHAVE

Invasões holandesas, Conde da Torre, Batalha Naval de 1640.

Introdução

Durante o período da União Ibérica, a Holanda, em busca de açúcar e motivada por questões religiosas, resolveu enviar expedições para invadirem o Nordeste do Brasil. Para atingir tal objetivo, foi criada a Companhia das Índias Ocidentais (*West Indian Company* – WIC), em 1621. A companhia, nesse mesmo ano, lançou sua primeira expedição contra a Bahia, sem, contudo, lograr êxito em permanecer no Brasil. Em 1630 houve uma segunda expedição e esta, ao contrário da primeira, subjugou a capitania de Pernambuco, dominando sem maiores dificuldades Recife e Olinda.

A presença de uma colônia holandesa no Brasil, que transformara Pernambuco em uma base de apoio às rotas da Companhia das Índias

Ocidentais, ameaçava a hegemonia espanhola no Atlântico Sul e constituía-se em empecilho para as rotas comerciais da Espanha.

O sucesso comercial alcançado pela WIC no Brasil, materializado pelo controle sobre a produção e o mercado de açúcar, estava sendo prejudicado pelos crescentes custos, com os quais a companhia era obrigada a empreender, entre eles, as ações militares contra os locais que resistiam à invasão. Para resolver esse problema, a WIC optou pela realização de um esforço militar para conquistar a Bahia e expulsar os portugueses do Brasil. Com esse objetivo, o governador-geral holandês, Conde João Maurício de Nassau-Siegen, decidiu, em abril de 1638, atacar a Bahia, cuja conquista poderia resultar no fim do domínio português no Brasil. Depois de um

* Colaboração do autor.

** Historiador, professor e pesquisador. Especialista em História Militar, mestre em Operações Militares e sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

mês de cerco, contudo, os holandeses foram repelidos com a perda de mais de duas centenas de homens e retornaram para Pernambuco.

Reação Ibérica – A armada de socorro

Antes mesmo da derrota de Nassau na Bahia, o ministro espanhol Conde-duque de Olivares ordenou que fosse organizada mais uma vez uma grande armada,¹ destinada a expulsar em definitivo a WIC do Brasil e encerrar a guerra que estava arruinando a economia da coroa espanhola. A nova armada de socorro, no entanto, foi orientada segundo uma nova estratégia. O papel da esquadra não seria limitado apenas ao transporte de tropas como nas anteriores, mas obter a superioridade marítima sobre os holandeses, eliminando assim seu poder naval na costa brasileira.

Para comandar a esquadra foi escolhido, inicialmente, o Conde de Linhares, o qual foi substituído, em abril de 1633, pelo fidalgo português D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre e antigo governador de Ceuta e Tânger. Tão logo assumiu o comando, D. Fernando Mascarenhas logo começou a organizar a esquadra, que seria composta por galeões da coroa de Portugal e das frotas de Cadiz e do Levante, da Espanha. No exame da armada, o conde logo verificou a insuficiência do abastecimento, o despreparo dos soldados e as péssimas condições de higiene dos navios, o que motivou comunicação da situação ao Rei Filipe IV, à vice-rainha de Portugal e ao ministro Olivares. Tanto na Espanha

como em Portugal havia escassez de recursos, sem os quais não era possível arremeter capitães e soldados experientes nem obter os inúmeros artigos indispensáveis para aprovisionar os navios. Para acelerar o aprestamento da armada, a esquadra de Castela foi enviada para Lisboa, onde se juntou à de Portugal. Contudo, apesar da pressão dada por Olivares, os preparativos foram muito demorados, só ficando concluídos em finais de 1638, mesmo assim com grandes deficiências. Expressiva quantia dos gêneros alimentícios embarcados, sobretudo nos navios portugueses, encontrava-se deteriorada, as armas e munições eram em número insuficiente e os soldados, em sua grande maioria, eram simplesmente camponeses arrebanhados à força ou malfeitores retirados das prisões portuguesas.

O Governo espanhol, embora reconhecesse que as ponderações do Conde da Torre eram justificadas, determinou que a armada partisse o quanto antes, a fim de aliviar a pressão sobre a Bahia, então ameaçada pelas forças de Maurício de Nassau. Dessa forma, o Conde da Torre recebeu ordem para partir imediatamente para as ilhas de Cabo Verde, onde aguardaria a chegada dos navios da armada espanhola que ainda estavam em preparativos. O conde protestou novamente contra a ordem, alegando a “pestilência dos ares”² de Cabo Verde, mas, pressionado pela vice-rainha de Portugal, partiu de Lisboa em 7 de setembro de 1638 com boa parte dos navios, muitos com guarnições incompletas e provisões insuficientes.

Já no caminho para Cabo Verde, as dificuldades apresentaram-se à esquadra, com o

¹ A primeira armada de socorro (1625) foi a de D. Fadrique de Toledo, constituída por 28 navios de combate espanhóis e 7 portugueses, que, em maio, recuperou a Bahia que os holandeses haviam conquistado no ano anterior. A segunda armada (1631) foi a de D. António Oquendo, composta por 12 navios espanhóis e 5 portugueses, cuja missão era deixar 2.000 soldados na Bahia, destinados a reforçar as tropas que cercavam o Recife. A terceira armada de socorro ao Brasil (1635) foi a de D. Lopo de Hoces, composta por 2 galeões espanhóis e 4 portugueses, comboiando 22 navios mercantes que transportavam tropas e abastecimentos.

² GUEDES, Max Justo. *História Naval Brasileira*. Ministério da Marinha, Rio de Janeiro, 2 vol, tomo I A, 1990.

surgimento de uma epidemia a bordo. O próprio Conde da Torre foi um dos primeiros a adoecer.

A esquadra portuguesa chegou a Cabo Verde em 16 de outubro, com aproximadamente mil enfermos. Como D. Fernando previra, durante a permanência nas ilhas muitos outros adoeceram e morreram. A esquadra espanhola chegou em 5 de novembro. Na ilha ficaram enterrados 475 homens, restando a bordo ainda 1.214 doentes.

Em 29 de novembro ambas partiram juntas para Recife, onde chegaram em 10 de janeiro de 1639, com falta de alguns navios que se haviam desgarrado durante a travessia das calmas equatoriais e a maior parte dos marinheiros e soldados muito depauperados pelas doenças e pela má qualidade da água e dos alimentos que lhes eram fornecidos. A epidemia continuou depois da partida de Cabo Verde e, ao alcançar a costa de Pernambuco, a esquadra já registrava 872 mortos.

O planejamento do Conde da Torre consistia em, logo à chegada, atrair a armada holandesa, travar com ela uma batalha naval decisiva e, em seguida, desembarcar as tropas, estabelecendo um bloqueio ao Recife por terra e por mar. No entanto, ao contrário do que esperava o conde, a armada holandesa não saiu a dar-lhe combate pela simples razão de que, nessa ocasião, tinha os seus melhores navios bloqueando a Bahia. No Recife encontravam-se apenas 13 naus, 2 delas já carregadas e prontas para regressar à Europa e as outras praticamente desguarnecidas. Reduzida no seu poder, com escassez de provisões e contando com grande número de doentes, o conde decidiu passar a vista do Recife em uma demonstração de força e rumar para a Bahia, a fim de reabastecer os navios e recompor suas forças, onde chegou em 19 de janeiro de 1639.

A chegada da armada do Conde da Torre trouxe inquietação aos holandeses, mas estes,

na verdade, não tinham conhecimento da fragilidade e das deficiências logísticas da esquadra. Nos meses seguintes, os informantes de Nassau contaram-lhe das penosas circunstâncias materiais e morais da armada, das más relações de Torre com o governador, que o acusava de covardia por não ter atacado imediatamente o Brasil holandês.

Chegam os reforços

Ao chegar à Bahia, conforme as ordens que levava, o Conde da Torre entregou o comando da armada a um fidalgo espanhol, desembarcou e assumiu o cargo de governador-geral do Brasil, começando logo a trabalhar na reorganização da armada que levava e do Exército do Brasil, com vista à expulsão dos holandeses de Pernambuco no mais curto prazo possível. Todavia, a Bahia não podia estar preparada para, de uma hora para outra, abrigar e suprir mais sete mil homens e não possuía estrutura para realizar com rapidez os reparos necessários nos navios. Além disso, era do conhecimento público que a armada havia levado muito pouco dinheiro e, por isso, a Bahia ainda se ressentia do cerco prolongado que Nassau havia imposto. Esses fatores causaram, apesar de todos os esforços, o avanço muito lento da reorganização da armada.

Para atenuar o problema da falta de mantimentos, o mais premente, D. Fernando determinou a vinda de suprimentos do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. A situação melhorou um pouco com a chegada, em 9 de outubro, de uma nova armada de socorro, procedente dos Açores, com mais mil soldados, armas, munições e mantimentos de razoável qualidade.

Nesse espaço de tempo, o Conde de Nassau, com os poucos recursos de que dispunha, resumidos a 20 barcos sob o comando do Almirante

Wilhelm Corneliszoon Lonck, tratou de reforçar sua frota naval com a contratação de barcos mercantes particulares, que vinham buscar açúcar no Recife. Em março, Nassau também recebeu reforços: 1.200 soldados e 7 navios, enviados sob o comando do Coronel Arciszewski, nomeado general. Em julho, graças à interceptação de uma carta do Conde da Torre, Nassau tomou conhecimento detalhado da composição de meios da armada luso-espanhola: 46 navios, dos quais 26 galeões, com 5 mil homens. A armada tinha instruções para permanecer dois anos no litoral brasileiro.

A armada parte para o combate

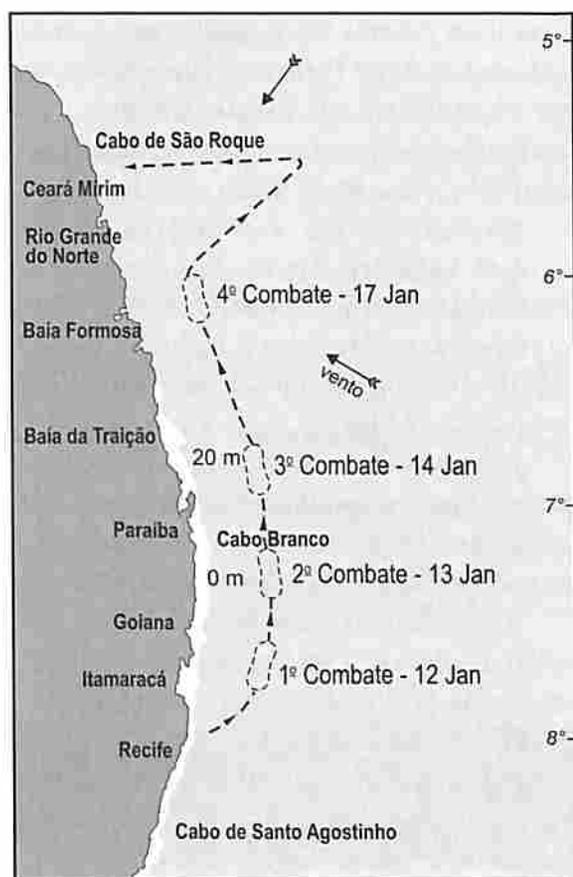
Finalmente, depois de ter permanecido por cerca de 10 meses na Bahia para reparar e ressuprir seus navios, o Conde da Torre considerou a armada em condições de partir para o Recife. Em 21 de novembro de 1639, o conde reembarcou e partiu com sua armada em direção a Pernambuco. Compunha-se agora a armada de nada menos de 82 navios: 13 galeões, 7 urcas e 1 patacho, todos de guerra, 27 transportes e 34 navios ligeiros, estes mobilizados no próprio Brasil. As tropas de desembarque reuniam um efetivo de 5.000 homens.²

Assim que saiu de Salvador, a armada se deparou com um inimigo inesperado, o vento contrário que iria prejudicar, durante seis semanas, o deslocamento e a coesão de seus navios, terminando por passar ao largo de Pernambuco e atingir a costa da Paraíba, mais ao norte. Com a esquadra desorganizada, em formação aberta e desarrumada, finalmente o Conde da Torre conseguiu fazer o retorno e rumar em direção ao porto do Recife, de onde já havia partido ao seu encontro o Almirante

holandês Hendrik Corneliszoon Lonck, no comando de uma frota de 41 navios e 2.800 soldados.

A Batalha Naval de 1640

Na manhã de 12 de janeiro de 1640, cerca de um ano depois de ter chegado ao Brasil, a armada luso-espanhola encontrava-se finalmente a norte de Olinda, começando as tro-



pas a passar dos navios para as embarcações menores que as conduziram à praia de Pau Amarelo, local escolhido para o desembarque. O vento dificultou novamente essa manobra e favoreceu a esquadra holandesa, que pôde se aproximar rapidamente da força luso-espanhola.

² GUEDES, Max Justo. *História Naval Brasileira*. Ministério da Marinha, Rio de Janeiro, 2 vol, tomo I A, 1990, p. 273-275

No início da tarde, iniciou-se violento combate de artilharia entre as duas frotas. O embate prosseguiu até o cair da noite, quando os holandeses romperam o contato e se afastaram para o mar. O primeiro enfrentamento naval resultou no afundamento de uma nau holandesa e na morte do Almirante Lonck.

Na manhã seguinte, 13 de janeiro, Lonck foi substituído no comando da esquadra holandesa pelo Vice-almirante Jacob Huyghensz. Os holandeses novamente aproximaram-se da armada do Conde da Torre e iniciaram novo combate de artilharia, no qual se perderam mais uma nau holandesa e dois navios mercantes luso-espanhóis, todos afundados a tiros de canhão.

Na manhã do dia 14, ao largo da Paraíba, a armada holandesa, reforçada durante a noite com mais cinco naus vindas do Recife, voltou pela terceira vez ao ataque. E mais uma vez teve lugar um prolongado combate de artilharia que durou até o pôr do sol.

Durante todo o dia 15, as forças oponentes não se avistaram, aproveitando ambas a oportunidade para tratar dos feridos e realizar os reparos de possíveis nas embarcações danificadas.

A armada do Conde da Torre seguia prejudicada pelo vento, que a empurrava constantemente para o norte contra sua vontade. O prolongado período a bordo das tropas luso-espanholas causava problemas logísticos, provocando o rápido esgotamento da água e dos mantimentos dos navios em que se encontravam embarcadas. Tornou-se evidente que os soldados deveriam ser desembarcados o mais rápido possível. Um conselho decidiu que o desembarque deveria ser efetuado na manhã de 17 de janeiro, na Baía da Traição, de onde marchariam pelo interior até estabelecerem contato com as demais forças portuguesas.

No entanto, mais uma vez, o desembarque previsto não chegou a realizar-se em virtu-

de da aproximação da armada de Huyghensz, disposta a iniciar novo combate. Por volta das 9h da manhã do dia 17, as duas esquadras entraram em alcance de tiro e os canhões começaram novamente a disparar, mantendo-se o panorama geral semelhante aos dos combates anteriores. Com os navios muito avariados, o combate cessou ao fim da tarde.

No dia 19, a armada do Conde da Torre rumou para o mar, e os holandeses retornaram ao Porto do Recife. Parte da armada luso-espanhola desgarrou-se em razão do vento, mas os navios ligeiros, que haviam permanecido junto à foz do Rio Ceará-Mirim, conseguiram desembarcar cerca de 1.300 soldados, os quais, sob o comando do mestre de campo Luís Barbalho, iniciaram a marcha pelo interior.

A partir daí a armada desagregou-se rapidamente, apesar dos esforços do conde que procurou convencer os navios desgarrados a voltarem para a costa. Os capitães espanhóis recusaram-se abertamente a aceitar as suas ordens, sob o pretexto de que a campanha tinha terminado, e seguiram para as Caraíbas, acompanhados por três galeões portugueses. Estes remanescentes e os navios mercantes retornaram para os Açores. A campanha estava, de fato, terminada, tendo os luso-espanhóis sido incapazes de sobrepujar o poder naval holandês no Brasil.

Reflexões finais

A missão da armada do Conde da Torre era expulsar os holandeses do Brasil e projetar o poder naval luso-espanhol no Nordeste do Brasil. Embora tenha conseguido, de certa forma, desembarcar tropas de reforço, na verdade a armada não atingiu os objetivos a que se propunha, pois não conseguiu sequer retirar dos batavos a iniciativa das ações no mar.

A Batalha Naval de 1640, travada ao largo da Paraíba, demonstrou a ineficácia da artilharia naval da época em proporcionar uma vitória decisiva. Ficou claro também que a monarquia espanhola, nessa época, já não dispunha dos meios financeiros necessários para manter, em caráter permanente, uma grande armada no além-mar e não existia no Brasil nenhuma base naval capaz de apoiar uma grande armada. No que diz respeito aos navios, verificou-se que havia equivalência na qualidade das embarcações, mas a capacidade e o treinamento dos comandantes e marinheiros holandeses eram superiores.

Em seu relato à Companhia, Nassau atribuiu o fracasso luso-espanhol à escolha de um comandante ineficaz para comandar força tão poderosa, em razão da praxe de nomear aristocratas inexperientes, como Torre, no pressuposto de que sua nobreza era mais apta a garantir a disciplina; outro motivo fora a mortandade que atacara a armada em Cabo Verde, obrigando-a a realizar a escala em Salvador, e a ação dos ventos, que havia desfavorecido sempre o inimigo.

Finalmente, mais uma vez ficou provado que na guerra, como em tudo na vida, o imponderável pode ser um fator decisivo. ●

Referências

- BARLEAUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.
- BENTO, Cláudio Moreira. *As batalhas dos Guararapes – descrição e análise militar*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971.
- CALDEIRA, Jorge; CARVALHO, Flavio; MARCONDES, Claudio; GOES, Sérgio. *Viagem pela história do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- CIDADE, Francisco de Paula. *Síntese de três séculos de literatura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- GUEDES, Max Justo. *História naval brasileira*. 2 vol, tomo IA. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, 1990.
- MAGALHÃES, João Batista. *A evolução militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.



Editorial 2009

Coleção General Benício

NÃO SOMOS RACISTAS

Ali Kamel – coedição/Nova Fronteira

Obra atual, a despeito de seu caráter bastante polêmico. É pautada em consistente documentação e coerente argumentação. Distingue-se pelo grande valor para o reequacionamento dessa questão seriíssima que não pode ser analisada de forma maniqueísta, emocional ou manipuladora.